

• O PRINCIPEZINHO •

Antoine de Saint-Exupéry



Ilustrações de Claudia Bordin

Ao Léon Werth

Peço desculpa às crianças por ter dedicado este livro a uma pessoa crescida.

Tenho uma boa justificação: essa pessoa crescida é o melhor amigo que tenho no mundo.

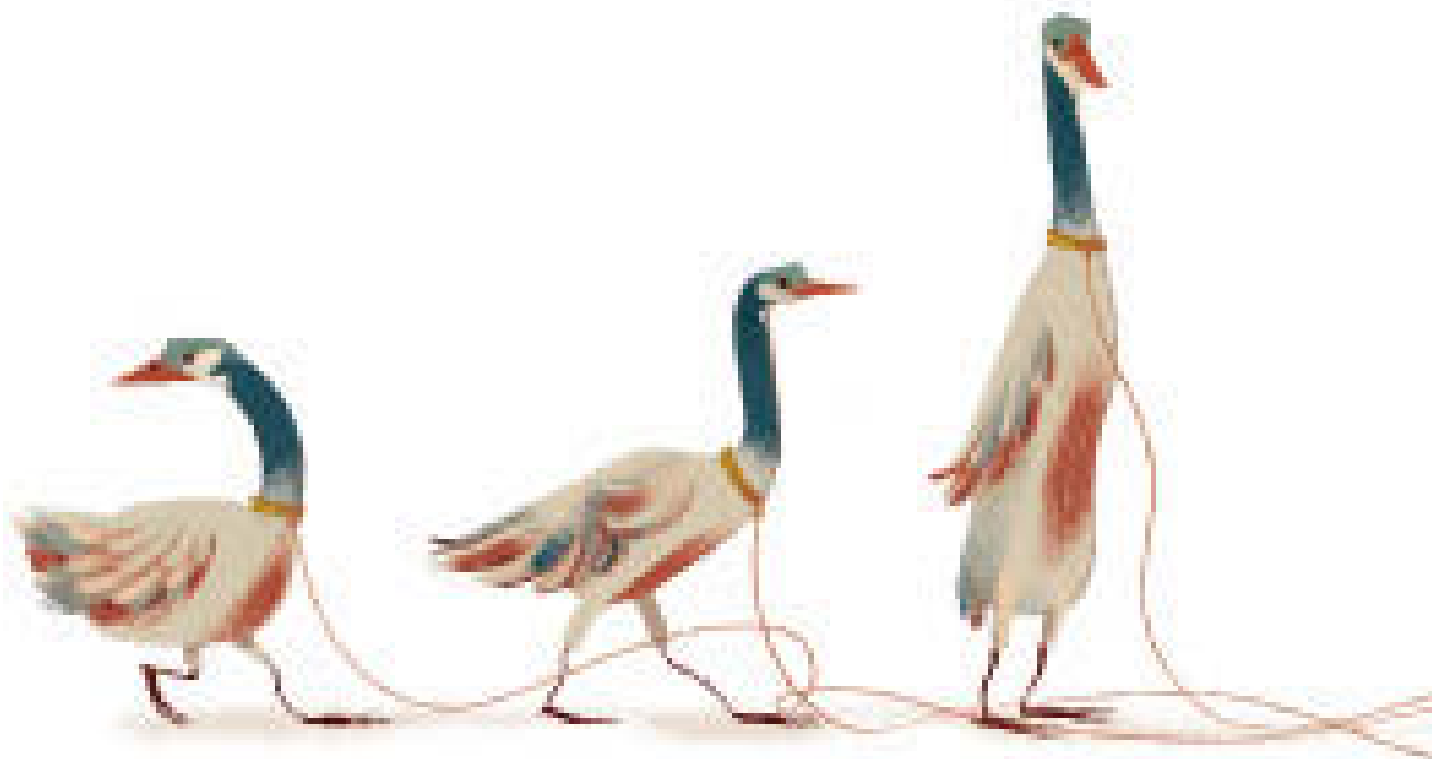
Tenho outra justificação: essa pessoa crescida é capaz de perceber tudo, até os livros para crianças. Tenho uma terceira justificação: essa pessoa crescida mora em França, onde passa fome e frio. Bem precisa de ser consolada. Se nem todas estas desculpas bastarem, gostaria de dedicar este livro à criança que essa pessoa crescida foi em tempos.

Todas as pessoas crescidas começam por ser crianças. (Mas são poucas as que se lembram disso.)

Portanto, corrijo a minha dedicatória:

Ao menino que foi

Léon Werth



♦♦ I ♦♦

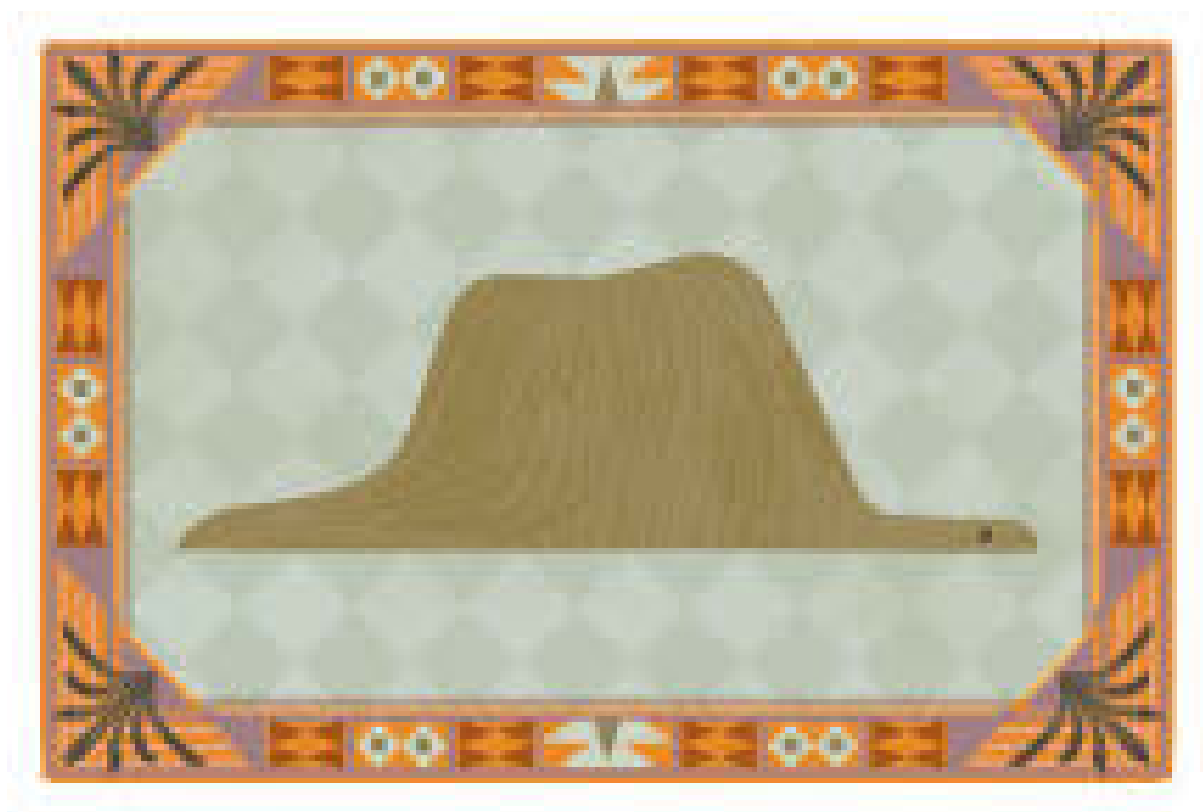
Uma vez, tinha eu 6 anos, vi uma gravura magnífica num livro sobre a Floresta Virgem chamado *Histórias Vidas*. Representava uma jiboia a devorar uma fera.

O livro dizia: «As jiboias devoram as presas inteiras, sem mastigar. Depois, deixam de conseguir mover-se e ficam a dormir durante os seis meses que dura a digestão.»

Então, pus-me a pensar muito sobre as aventuras da selva e, com um lápis de cor, consegui fazer o meu primeiro desenho.

O meu desenho número 1.

Que era assim:



Mostrei a minha obra-prima às pessoas crescidas e perguntei-lhes se o meu desenho lhes dava medo.

Responderam-me: «Porque é que um chapéu haveria de dar medo?»

O meu desenho não representava um chapéu.



Representava uma jiboia a digerir um elefante. Então, desenhei o interior da jiboia, para que as pessoas crescidas conseguissem perceber. Elas precisam sempre que lhes expliquemos as coisas.

O meu desenho número 2 era assim:



As pessoas crescidas aconselharam-me a pôr de lado os desenhos de jiboias abertas e fechadas e a dedicar-me à geografia, à história, à matemática e à gramática. Foi assim que abandonei, aos 6 anos, uma magnífica carreira de pintor. Fiquei desanimado com o insucesso do meu desenho número 1 e do meu desenho número 2. As pessoas crescidas nunca percebem nada sozinhas, e é cansativo para as crianças terem de andar constantemente a explicar-lhes tudo.

Por isso, tive de escolher outra profissão, e aprendi a pilotar aviões. Voei um pouco por todo o mundo. E a geografia, é verdade, ajudou-me muito. Permitiu-me distinguir, logo à primeira vista, a China do Arizona. É muito útil se nos perdermos durante a noite.

Ao longo da minha vida, tive uma data de encontros com uma data de gente séria. Vivi muito tempo ao pé das pessoas crescidas. Vi-as de muito perto. Isso não melhorou muito a minha opinião delas.

Quando encontrava uma que me parecia minimamente lúcida, fazia-lhe a experiência do meu desenho número 1, do qual nunca me desfiz. Queria descobrir se ela tinha mesmo uma boa compreensão. Mas a resposta era sempre a mesma: «É um chapéu.» Então, não lhe falava de jiboias, nem de florestas virgens, nem de estrelas. Punha-me à altura dela. Falava-lhe de *bridge*, de golfe, de política e de gravatas. E a pessoa crescida ficava toda satisfeita por encontrar um homem tão sensato.

♦♦ II ♦♦

Foi por isso que vivi sozinho, sem ter ninguém com quem falar verdadeiramente, até sofrer uma avaria no deserto do Sara, há seis anos. Algo se partira no meu motor. E, como não trazia comigo mecânicos nem passageiros, preparei-me para tentar fazer, sem ajuda, uma reparação complicada. Era uma questão de vida ou morte. A água que tinha mal chegava para oito dias.

Na primeira noite dormi na areia, a mil milhas das terras habitadas. Estava muito mais isolado do que um naufrago numa jangada no meio do oceano. Assim, imaginem a minha surpresa quando, ao amanhecer, fui despertado por uma vozinha muito curiosa. Dizia ela:

– Por favor... desenha-me uma ovelha!

– Como?

– Desenha-me uma ovelha...

Pus-me de pé como se tivesse sido atingido por um raio. Esfreguei os olhos por algum tempo. Observei com toda a atenção. E vi um rapazinho extraordinário a fitar-me com ar sério. Este é o melhor retrato que, mais tarde, consegui fazer dele. Mas o meu desenho, claro, é muito menos encantador do que o modelo. A culpa não é minha. Aos 6 anos, as pessoas crescidas desencorajaram-me de seguir uma carreira de pintor, pelo que só sabia desenhar jiboias fechadas e jiboias abertas.

Olhei para aquela aparição com os olhos arregalados de espanto. Não se esqueçam de que eu estava a mil milhas das terras habitadas. Ora, aquele rapazinho não parecia nem perdido, nem morto de cansaço, nem morto de fome, nem morto de sede, nem morto de medo. Não parecia nada uma criança perdida no meio do deserto, a mil milhas das terras habitadas. Quando finalmente consegui falar, perguntei-lhe:

– *Mas... que estás a fazer aqui?*

E ele repetiu, devagarinho, como se dissesse algo muito sério:

– *Por favor... desenha-me uma ovelha...*





Quando um mistério nos deixa demasiado espantados, não nos atrevemos a desobedecer. Por mais absurdo que aquilo me parecesse, a mil milhas de qualquer terra habitada e correndo risco de vida, tirei do bolso papel e caneta. Mas então lembrei-me de que me tinha dedicado sobretudo à geografia, à história, à matemática e à gramática, e disse ao rapazinho (com algum mau humor) que não sabia desenhar. Ele respondeu:

– Não faz mal. Desenha-me uma ovelha.

Como nunca tinha desenhado uma ovelha, reproduzi um dos dois únicos desenhos que era capaz de fazer. O da jiboia fechada. E fiquei estupefacto com a reação do rapazinho.

– Não! Não! Não quero um elefante dentro de uma jiboia. As jiboias são muito perigosas, e os elefantes, muito volumosos. Moro num sítio muito pequenino. Preciso de uma ovelha. Desenha-me uma ovelha.

E eu obedeci.



Fiz um novo desenho.

Mas, tal como os anteriores, foi rejeitado.

– Essa é demasiado velha. Quero uma ovelha que viva muito tempo.

Então, já sem paciência, porque estava ansioso por começar a desmontar o motor, rabisquei outro desenho. E disse:

– Isto é uma caixa. A ovelha que queres está lá dentro.

Mas fiquei muito surpreendido ao ver iluminar-se o semblante do meu jovem juiz.

– É exatamente o que eu queria! Achas que esta ovelha precisa de muita erva?

– Porquê?

– Porque moro num sítio muito pequenino...

– Hás de ter erva suficiente. A ovelha que eu te dei também é pequenina.

Ele fitou o desenho.

– Não é tão pequenina assim... Olha! Está a dormir...



E foi assim que conheci
o principezinho.

Um livro que
combina o texto integral
d'*O Principezinho*, uma
das obras literárias mais
conhecidas e amadas do
século XX, e as ilustrações
poéticas de Claudia Bordin,
que conseguiu recriar
a fantástica viagem do
protagonista à descoberta
do Universo, transmitindo
toda a magia de uma história
que se tornou um clássico
intemporal.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

Literatura Juvenil
penguinlivros.pt
penguinkidspt

ISBN: 978-989-589-838-1



9 789895 898381